

RUI BALSEMÃO, NA CAUDA DO TEMPO

● Por Aida BATISTA

Viver é envelhecer, nada mais.

- Simone de Beauvoir



Rui Balsemão nasceu em Luanda e, depois de ter vivido uma temporada em Portugal, após a descolonização de Angola, emigrou para o Canadá, vivendo atualmente em Mississauga. Foi aqui que publicou o seu primeiro livro de poemas “Meu grito, meu canto”, em 2003, a que se seguiu “A voz de dentro”, em 2008.

Se atendermos aos dois primeiros títulos, diremos que o primeiro, como um grito, foi o irromper da sua veia poética, durante anos silenciada e guardada nas gavetas da indecisão. No segundo, experimentou novos contornos e timbres, soltando-se de uma só forma de métrica e rima, tendo assim atingido uma expressão estética diferente, mas sempre com a mesma exigência e qualidade a que nos tinha habituado.

Dezassete anos depois, “Na cauda do tempo”, é a voz da maturidade, do homem que não esconde já ter feito 90 anos. Por isso, os 37 poemas que compõem esta antologia, representam o balanço de uma vida que, inexoravelmente, caminha para o seu epílogo. Não há como dizê-lo de outra forma, quando os ciclos da natureza se impõem, e o próprio autor claramente reconhece: “[...] *quem por cá, recuado de tudo/ e exausto do uso e abuso de si/ vê os seus dias chegados ao fim.*” (p. 48), ou “[...] *os dias incertos, /orquestrados pelo pêndulo/ irreversível da vida.*”, (p. 52).

Rui Balsemão é contabilista de profissão e, como tal, conhece bem as colunas do “Deve” e do “Haver” e de como a segunda lhe vai reduzindo o tamanho de um futuro vivido em cada amanhecer de um verso, teimando, no entanto, em manter o mesmo vigor e agilidade mental, patentes nos dois versos que o editor escolheu para figurar na contracapa: “*Um hausto fundo/ enche-me de riço o imo da alma; [...]*”, (p. 72). Nos poemas desta antologia, verso a verso, e num tom autobiográfico, confessional e reflexivo, Rui Balsemão faz um mapeamento despidorado, mas comovente, das fragilidades que habitam os seus mundos interiores, entrecortados de momentos fugazes de alegria, por vezes de um ou outro registo de humor, como em “**Há muitas Marias**” (p. 41) e “**Se não era amor**” (p. 67) ou, num tom mais irónico, no poema “**Depois de serem outros**” (p. 65); de revisitação das memórias familiares (pais e irmãos); dos seus amores e desamores, feitos de encontros e desencontros; da profunda tristeza que tantas vezes o invade, tornando-o, como nos diz Eduardo Bettencourt Pinto no prefácio, num “mero espetador da sua própria vida.”

Existem lendas sobre pássaros, de que a do pássaro-lira é a mais conhecida. Cravado de espinhos, canta uma melodia para expressar a sua angústia e se despedir do mundo de forma sublime. Apesar de Rui Balsemão ser nonagenário, não estou a vaticinar que este é o seu último canto. Longe disso!

Por oposição à temática da velhice, a forma como o autor se exprime é de uma enorme vivacidade e jovialidade, ancoradas no estilo cuidado com que manuseia as palavras certas, no ritmo e harmonia que imprime a cada verso, dando-nos a garantia de que nunca deixará de calar a poesia que lhe alimenta o pulsar dos dias.

Sendo este o 3º livro de Rui Balsemão, de imediato pensamos na proverbial frase: “Três foi a conta que Deus fez.” Por circunstâncias da profissão, é o Rui quem manuseia os números e com eles trabalha numa intimidade de operações com que paga as contas da sua existência. Por isso, ninguém melhor do que ele saberá subtrair ao tempo as horas que tem de dividir pelas da sua fértil inspiração para, depois, as multiplicar em novos poemas.

Esta obra foi lançada, no passado dia 21 de outubro, na Casa do Alentejo de Toronto, num final de tarde de convívio literário. **LP**

Chá da Gorreana mais poluente

● Por Chrys CHRYSTELLO



Esta manhã logo que me levantei fiquei irritado ao meu primeiro pequeno-almoço: antes, eu explico, desde o meu último internamento faço montes de refeições ao dia, como no hospital. Ao levantar café, depois o 1.º peq.º almoço para tomar os 9 comprimidos com 3 bolachas (Maria) e chá preto da Gorreana. Depois, a meio da manhã, o 2.º peq.º almoço, normalmente pão com queijo e marmelada e chá; almoço pelas 13:00, a meio da tarde chá e 3 bolachas; depois, lanche com pão e chá e, finalmente, o jantar pelas 20:00 a que se segue um sumo e bolachas “soft cakes” e tarteletes de framboesa antes de deitar. Foi assim que engordei de 59 para 65-66 kg e assim me mantenho desde que me deram alta.

Ora bem, esta semana o chá Gorreana vinha em embalagens 25% mais pequenas e qual

é o meu espanto quando deparo com as saquetas sem o fio e a etiqueta de marca, colocados na caixa em dois grupos de 10 saquetas num envelope de plástico! Poluição inimiga do ambiente onde dantes só havia papel. Além de que, agora, ao metermos as saquetas, não sabemos de onde veio o chá: RP da China, Índia, Quênia, Turquia, Sri Lanka, Vietname, Indonésia, Bangladeche, Argentina, Uganda ou Malawi (por ordem de produção desde 13 milhões de toneladas a 205 mil). Depois, temos o problema de arranjar um instrumento para “pescar” as saquetas da chávena ou copo, o melhor seriam umas pinças mas temos de nos contentar com uma colher, equilibrando a saqueta até ao balde de lixo para não cair. Será marketing ou poupança nos materiais de embalagem ou outra razão obscura, mas aqui apresento a minha discórdia que me levará a trocar de marca para um Lipton, Tetley, Twinings, ou outra, pois são as mais comuns nas prateleiras do mini-mercado. Assim se perde um cliente de 4 chás diários! **LP**

sata  azores Airlines

Damos Asas aos seus Sonhos

Viagens entre Montreal e os Açores a partir de \$648 (ida e volta)

Outros destinos incríveis em promoção incluem Lisboa, Porto, Faro e Funchal a partir de apenas \$ 699

A viagem deve ser reservada entre 07 de novembro e 14 de novembro de 2025 e deve ocorrer entre 03 de janeiro e 23 de março de 2026

www.azoresairlines.pt